

CONSIDERAÇÕES SOBRE INOVAÇÃO E ATIVIDADE EMPREENDEDORA NA TRAJETÓRIA SUL COREANA

Tayso Silva

Doutorando em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
taysosilva@hotmail.com (Brasil)

Maurício Fernandes Pereira

Doutor em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
Professor da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
mfpcris@gmail.com (Brasil)

Silvio Antônio Ferraz Cário

Doutor em Ciência Econômica pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
Professor da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
fecario@yahoo.com.br (Brasil)

RESUMO

Os fatores históricos referentes ao milagre econômico leste-asiático explicam, em parte, o contexto do qual emergiu a situação atual de inovação e atividade empreendedora na Coreia do Sul. Sendo o único país em cinco décadas a deixar a periferia mundial para emergir ao próximo nível, chama-se atenção para investigar um pouco mais sobre aspectos que puderam fortalecer a economia de um país, especialmente no tocante às inovações, tendo os achados do presente estudo apontado esta nação como a que mais cresceu, em todo o mundo, em um quesito científico que será melhor apresentado na presente análise. Um estudo que contemple a atividade empreendedora na Coreia do Sul se faz contributivo teoricamente tendo em conta que, atualmente, as pequenas e médias empresas (PMEs) constituem 99,9% das empresas industriais na Coreia do Sul e são responsáveis por 88,7% dos empregos neste setor. As inovações introduzidas por empreendedores são consideradas o principal motor da dinâmica capitalista. Assim, tendo em conta também o que foi previamente exposto, o presente estudo objetiva analisar aspectos pertinentes à inovação e à atividade empreendedora na economia da Coreia do Sul que contribuem para a explicação do desempenho excepcional desta economia, especialmente quando consideradas suas interfaces. O estudo apresentou tanto um registro da economia histórica da Coreia do Sul quanto fatores atuais relacionados à inovação e à atividade empreendedora, oferecendo uma análise contributiva para a compreensão de uma potência econômica que tem se destacado em âmbito mundial pela competitividade de suas organizações empresariais, entre outros fatores.

Palavras-chave: Inovação; Empreendedorismo; Coreia do Sul.

1 INTRODUÇÃO

Uma pesquisa realizada por meio do exame da distribuição da população mundial pelo log do PNB per capita entre 1938 e 1983 comprovou as relações de análise dos sistemas mundiais para os três padrões de riqueza que separam as três categorias de países, delimitando os espaços que permitem a separação dos perímetros e de seus golfos. No período de análise, os casos de migração das camadas foram excepcionais: Japão e Itália da semiperiferia para o núcleo orgânico, Gana da semiperiferia para a periferia e a Coreia do Sul, país foco deste estudo, migrou da periferia para a semiperiferia (Arrighi, 1997). Os fatores históricos referentes ao milagre econômico leste-asiático explicam, em parte, o contexto do qual emergiu a situação atual de inovação e atividade empreendedora na Coreia do Sul. Sendo o único país no referido período a deixar a periferia mundial para emergir ao próximo nível no período mencionado, chama-se atenção para investigar um pouco mais sobre seus aspectos econômicos, especialmente no tocante às inovações, tendo os achados do presente estudo apontado esta nação como a que mais cresceu, em todo o mundo, em um quesito científico que será melhor apresentado na presente análise.

Um estudo que contemple a atividade empreendedora na Coreia do Sul se faz contributivo teoricamente tendo em conta que, atualmente, as pequenas e médias empresas (PMEs) constituem 99,9% das empresas industriais na Coreia do Sul e são responsáveis por 88,7% dos empregos neste setor. As grandes empresas orientadas para o mercado externo subcontratam intermediários e unem a produção com PMEs caracterizadas por pagamento de baixos salários e desprovidos de desenvolvimento tecnológico (Organisation for Economic Co-operation and Development [OECD], 2011). Tal sistemática pode ser considerada uma herança do sistema de subcontratação das empresas japonesas que será exposto em um item específico deste estudo para oferecer uma visão processual da formação desta atual configuração da atividade empreendedora na Coreia do Sul.

Schumpeterianos e neo-schumpeterianos consideram que as inovações introduzidas por empreendedores é o principal motor da dinâmica capitalista (Laplaine, 1997; Possas, 1989). Assim, tendo em conta também o que foi previamente exposto, o presente estudo objetiva analisar aspectos pertinentes à inovação e à atividade empreendedora na Coreia do Sul que contribuem para a explicação do desempenho excepcional desta economia, especialmente quando consideradas suas interfaces.

2 O MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO

O estudo baseia-se, além de uma revisão teórica, em fontes de dados secundários, organizados de forma reconhecidamente aceita por sua confiabilidade e validade, apresentados pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), pelo Banco Mundial e pelo *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM). Este último, também ingressa com significativa importância na contribuição para pesquisas. O GEM iniciou em 1999 uma avaliação anual dos níveis de atividade empreendedora em diferentes países por meio de uma parceria entre a London Business School e o Babson College (Bosma, 2012).

Atualmente, o GEM é o maior estudo do mundo contínuo sobre a dinâmica empreendedora. Envolve uma exploração do papel do empreendedorismo no crescimento econômico nacional e revela a riqueza das características relacionadas à atividade empreendedora (Bosma, 2012). O arcabouço das informações oferecidas por estas bases de dados secundários permitiram análises contributivas para o entendimento das relações entre inovação e empreendedorismo no país em questão.

3 A INOVAÇÃO NO SISTEMA ECONÔMICO CAPITALISTA

Mesmo tendo apresentado uma vasta obra, Schumpeter (1982) traz para o centro de suas discussões uma visão original da dinâmica econômica capitalista destacando a ruptura de rotinas estabelecidas e a transformação de estruturas existentes em um processo de mudança deflagrada por meio das inovações. Neste sentido, a inovação desencadeia um processo de destruição das estruturas econômicas e de criação de novas estruturas. Ao se introduzirem inovações no mercado ocorrem rupturas gerando instabilidade de uma forma cíclica (Laplaine, 1997). Tais instabilidades, na visão de Schumpeter (1997), são concernentes especificamente às condições comerciais. Uma simples instabilidade do sistema coloca em cheque a estabilidade da ordem e as condições sociais nas quais se baseia. Inovações em métodos produtivos e comerciais indubitavelmente alteram as condições do sistema estático. Neste sentido, cabe ressaltar que inovações são, essencialmente, a utilização de recursos produtivos de uma forma até então inexistente, apresentando uma descontinuidade do sistema.

Mesmo na estabilidade existe progresso advindo de forças endógenas quando estas são traduzidas em formas de inovações desestabilizadoras do sistema econômico (Laplaine, 1997). Existe mais estado estático no sistema econômico do que se pode esperar, sendo definido em termos de um

conjunto perceptível de operações que baseiam o processo cíclico de produção em consumo (Schumpeter, 1997). A teoria do progresso técnico endógeno considera que tanto o investimento quanto a inovação podem superar a pobreza redundando em um crescimento mais forte levando o Estado a originar riquezas suplementares (Boyer, 1999), ressaltando a importância de estímulos à mudança no estado estático.

O capitalismo é um processo evolutivo, um método de transformação econômico, revolucionando a estrutura produtiva endogenamente, destruindo incessantemente o antigo e criando novas estruturas. O processo de destruição criativa ora abordado constitui o capitalismo e baliza as adaptações das empresas capitalistas que desejam sobreviver (Schumpeter, 1961). É justamente por meio de condições diferentes que surge o novo desenvolvimento, quando muitas esperanças e valores antigos são esquecidos ou abandonados e surgem outros completamente novos. Por meio de rupturas consecutivas parciais do sistema se atinge um desenvolvimento total. Certamente, as organizações necessariamente enfrentarão esses contratempos, pois é justamente enfrentando as dificuldades que se aprimora, principalmente, quando tais barreiras as forçam ao desenvolvimento (Schumpeter, 1982).

A partir dos anos 1980 surge na literatura a abordagem neo-schumpeteriana ou evolucionista cujos autores, por meio de uma releitura de Schumpeter, assemelham-se por enfatizar a inovação enquanto motor da dinâmica capitalista, não só quando introduzida por seus empreendedores mas também quando estes são estimulados a inovar em decorrência da inovação de concorrentes, ocasionando um processo sequencial (Laplaine, 1997). A ruptura do enfoque evolucionista no tocante aos processos de inovação com relação aos tradicionais é destacada por meio da recusa da dicotomia entre os modelos baseados na demanda do mercado ou na lógica interna do progresso tecnológico. Entretanto, em conformidade com Schumpeter, este enfoque considera a inovação o principal fator dinamizador da atividade econômica capitalista (Possas, 1989).

O ponto de partida da abordagem neo-schumpeteriana, no qual seus autores se baseiam para oferecer uma abordagem alternativa à neoclássica, é a concorrência enquanto indutora de inovações e geradora de assimetrias entre os agentes econômicos. Assim, a concorrência além de atuar de forma restritiva às alternativas disponíveis aos agentes individuais, pode provocar outras reações, mais especificamente em forma de inovações que visem eliminar ou amenizar as restrições impostas por rivais em um mesmo mercado (Laplaine, 1997).

Os agentes privados na busca de lucros irão destinar recursos para a exploração de novos produtos e técnicas de produção se identificarem oportunidades de encontrar benefícios econômicos (Dosi, 1988). Entretanto, o processo de análise de avanços tecnológicos apresenta-se, necessariamente,

de forma interdisciplinar com desdobramentos institucionais, sociais e culturais tornando o processo irreduzível à racionalidade econômica pura (Possas, 1989).

As tecnologias possuídas são acumulativas, especialmente quando há uma perspectiva promissora da trajetória dos avanços tecnológicos, independentemente das condições de demanda. Mesmo o processo gerador de inovação não sendo deterministicamente estável, em certas condições de uniformidade tecnológica as trajetórias dos avanços tecnológicos podem se agrupar, surgindo assim os regimes tecnológicos. Estas trajetórias podem ser similares ou complementares em determinados aspectos em certo período (Possas, 1989).

Externamente, as empresas aprendem por meio do mecanismo *learning-by-interacting*, gerando conhecimento com clientes externos, fornecedores e prestadores de serviços em um determinado espaço de forma acumulativa e irreversível. A acumulação de conhecimentos tácitos e competências organizacionais é dada meio a continuidades e oportunidades de inovação e soluções, além da atmosfera industrial proporcionar disseminação de conhecimento técnico, tecnológico, organizacional e institucional, incrementando a competitividade da indústria local em arranjos produtivos e inovativos locais (Guerreiro, 2004).

Indivíduos que desenvolvem novas aplicações para criação e entregam valor ao cliente, podem diferir nos meios pelos quais eles pensam sobre novas possibilidades e suas aplicações potenciais. Estas diferenças individuais podem vir de variações na constituição genética do indivíduo, conhecimento, experiência, e natureza da informação que eles processam sobre uma oportunidade específica (Ardichvili, Cardozo & Ray, 2003). Assim, o próximo item destina-se a considerações sobre como o conhecimento dos indivíduos, inclusive sobre riscos, relaciona-se com a exploração de oportunidades. A inserção de tal assunto também se faz importante em decorrência dos investimentos em conhecimento constatados na Coreia do Sul que serão abordados a posteriori.

4 O CONHECIMENTO PRÉVIO E O RISCO DE INVESTIMENTOS

Inovações tecnológicas envolvem a solução de problemas e a busca de tais soluções implica em diferentes graus de **tacitividade** do conhecimento envolto no processo inovativo. Indiferentemente do campo do conhecimento da qual a inovação emerge, cada busca da solução de problemas envolve procedimentos e esforços específicos. Uma vez reconhecida a natureza cumulativa da tecnologia, seu desenvolvimento deixa de ser aleatório que acaba delimitando as atividades existentes em termos

tecnológicos e econômicos (Dosi, 1988). O conhecimento das oportunidades empreendedoras influencia nas decisões de investir, considerando-se os riscos. Parte-se do pressuposto de que quando a organização se lança em um mercado desconhecido, o risco é inevitável (Johanson & Vahlne, 2009).

A área de empreendedorismo apresenta algumas colocações, entre elas as de Birley e Muzyka (2001), Cobertt (2005), Sanz-Velasco (2006) e Shane (2003), que consideram o papel do conhecimento prévio demonstrando que este apresenta um relevante impacto perante as características do indivíduo, ou seja, o indivíduo reconhece melhor as oportunidades de investimento baseando-se no seu conhecimento prévio. Ademais, Johanson e Vahlne (2009) consideram que o reconhecimento da oportunidade é um processo interativo caracterizado pelo conhecimento acumulado pelas empresas quando de suas atuações nos mercados. Assim, o processo de identificação de oportunidades e exploração das mesmas em uma perspectiva de rede é similar ao processo de internacionalização e ao processo de desenvolvimento de relações.

O conhecimento prévio influencia as pessoas na identificação de oportunidades (Sanz-Velasco, 2006) e resulta do acúmulo de experiências em vários âmbitos da vida do indivíduo, como a família (Aldrich & Cliff, 2003) e a localidade onde o empreendedor mora ou já residiu (Jack & Anderson, 2002). Considera-se que o conhecimento prévio do empreendedor influencia e é influenciado pela possível recompensa financeira no processo de identificação da oportunidade, e a análise desta relação proporciona um entendimento da força motivadora neste processo. A literatura sobre motivação pode justificar porque a esperança de recompensa financeira motiva os indivíduos a identificar mais oportunidades e oportunidades mais inovadoras. Contudo, sob a luz desta abordagem, o conhecimento da recompensa tanto motiva a busca por oportunidades quanto pode diminuir a relação positiva entre a recompensa financeira esperada e os lucros da oportunidade identificada. Os indivíduos que possuem conhecimento prévio apresentarão maior probabilidade de focalizar sua atenção nas dimensões mais importantes das informações disponíveis e processar estas informações mais rapidamente, levando à identificação de um grande número de oportunidades (Cobertt, 2005).

Baseando-se na psicologia cognitiva, Shepherd e DeTienne (2005) analisam como o nível de conhecimento prévio e a possibilidade de recompensa financeira impactam na identificação de oportunidade. Para tais autores, quanto maiores as possibilidades de recompensa financeira e conhecimento prévio do empreendedor, maior será o número de oportunidades identificadas. A promessa de recompensa financeira pode elevar a habilidade do indivíduo para gerar um grande número de oportunidades e aumentar o nível de inovação dessas oportunidades e a motivação pode ser iniciada ou reforçada através da promessa da possibilidade de recompensa financeira.

É possível um resultado comprobatório quanto à relação ora mencionada entre recompensa financeira e número de oportunidades identificadas, entretanto, utilizando uma abordagem inversa, substituindo a recompensa financeira pelo risco financeiro. Outro estudo concluiu que aproveitar oportunidades cuja probabilidade de um resultado financeiro positivo é incerta é sinônimo de riscos, através dos quais há a probabilidade do fracasso e da perda de recursos financeiros. A consideração de tal risco é um significativo aspecto de como os empreendedores avaliam ideias, sendo que eles estarão mais propensos a avaliar uma oportunidade favoravelmente se eles perceberem que é uma ideia menos arriscada (Keh, Foo & Lim, 2002).

A estimativa do potencial de risco de um negócio é subjetiva, além de ser moderada pela autoconfiança. Uma pessoa pode ser dona de um negócio arriscado e entendê-lo como seguro pelo fato de, em sua concepção, este negócio ser uma garantia de emprego por um longo período, sendo ela sua própria empregadora, proporcionando assim, estabilidade à sua família. Uma empresa em situação de risco também pode ser vista como pouco ameaçada quando o empreendedor confia em suas habilidades ou julga conhecer o ramo do negócio e o mercado consumidor (Jack & Anderson, 2002).

5 UM CONTEXTO HISTÓRICO SOBRE A ECONOMIA COREANA

O milagre econômico leste-asiático é fundamentalmente japonês, sendo que em quarenta anos, este país ultrapassou o padrão de riqueza das regiões detentoras de um PNB sete vezes maior. Há especulações que a Coreia do Sul esteja trilhando o mesmo caminho, ainda que muito distante. Aproximando-se mais do desempenho japonês, Taiwan, Hong-Kong e Cingapura ainda assim são insignificantes demograficamente. Os demais países da região tiveram melhoras inexpressivas neste quesito, até mesmo distanciando-se em relação ao Núcleo Orgânico (Arrighi, 1997).

Cronologicamente, o milagre começou pelo Japão na década de 1950, equiparando-se à emergência das potências do antigo eixo e culminando em sua superação econômica das mesmas na década seguinte, quando a Coreia do Sul apresentou ligeiro declínio em relação ao Núcleo Orgânico. Dalí, uma ou duas décadas depois a Coreia do Sul acelerou seu crescimento conjuntamente com os outros três **dragões asiáticos** a partir da década de 1970, criando então as bases do milagre econômico. Nesta mesma década, o milagre econômico brasileiro eclipsou o crescimento do Grupo dos Quatro por ter atingido quase o mesmo índice, porém com o dobro da população daquele grupo. Na década de

1980 os demais países do globo já não acompanhavam o leste-asiático, solidificando a condição de seu milagre econômico (Arrighi, 1997).

A maioria das investigações baseia-se em políticas e estratégias estatais ou no comportamento industrial, ignorando a integridade estrutural e conjuntural da região. Nesta análise, entende-se que os desdobramentos nesses países devem considerar o padrão regional e os sistemas de relação interempresas que atribuíram competitividade àquelas da região. O sistema de subcontratação japonês expandiu-se fortemente no sudeste e leste-asiático, reproduzindo uma produção mais descentralizada e pulverizada em menores empresas. Estas menores empresas atuavam em um sistema de subcontratação estratificado em camadas múltiplas: subcontratação primária, que contratam secundários e por sua vez terciários e, assim, sucessivamente formando uma grande árvore cujas raízes crescem exponencialmente até chegar às menores células, os domicílios com incontáveis trabalhadores. Tal sistema entregava qualidade a um baixo custo dos produtos em uma estrutura alijada dos custos da contratação de fornecedores que exploravam ao máximo os trabalhadores conferindo vantagem à companhia-mãe, em troca da continuidade dos contratos. Tal produção tinha melhor escoamento por meio de grandes empresas comerciais (*sogo shosha*) responsáveis pela distribuição do produto, combinando o poder financeiro e mercadológico com a competitividade do sistema em questão. Entretanto, o nível de especialização em diferentes camadas, maior quanto mais próxima à companhia mãe, também apresentava remuneração e benefícios proporcionais. Como resultado, os trabalhadores das pequenas empresas chegavam a ganhar 55% do salário nas grandes, diminuindo a competição entre pequenas e grandes empresas pela força de trabalho (Arrighi, 1997).

5.1 A migração da periferia para a semiperiferia

Com relação à zona semiperiférica, na qual a Coreia do Sul ingressou na última metade do século passado, há determinados países em transição do atraso à modernidade, na perspectiva da teoria da modernização, ou caminhando para o centro ou periferia, conforme a teoria da dependência. Ambas as teorias concordam quanto à instabilidade e provisoriedade nesta situação. Algumas qualificações e elaborações da teoria da dependência contêm dois defeitos: primeiramente, generalizam condições de subordinação e dependência para caracterizar países em diferentes níveis e, em segundo, generalizações de países individuais para grupos de países. O conceito ora aceito de países semiperiféricos, inclui atividades características tanto de núcleo orgânico quanto periféricas. As definições do conceito de semiperiferia são conturbadas em função de dois sentidos aos quais são

atribuídas: 1) economicamente, cobrindo espaços que somam excedentes, sugerindo uma posição econômica intermediária negativamente comparada com o núcleo orgânico e positivamente comparada a países menos avançados; 2) Politicamente, por meio de ações governamentais competitivas e equiparativas. Dada tal ambiguidade, o conceito semiperiferia ora se utiliza no sentido de divisão mundial do trabalho e não de relações inter-estados. Não há atividades exclusivas de grupos de países, sejam atribuídas ao núcleo orgânico ou periferia, apenas podem tornarem-se característica em um destes em determinado momento. Com base nas ideias schumpeterianas, pode-se estabelecer uma hierarquia relacional entre a categorização dos países em termos de lócus de acumulação de inovações e suas consequências (Arrighi, 1997).

Sob a égide do que fora abordado até então, sobretudo concernente aos países participantes do milagre econômico asiático, a Coreia do Sul, um país que era um dos mais pobres da Ásia, com uma frágil balança comercial, experimentou um período de rápida transformação entre as décadas de 1950 a 1970 tornando-se uma economia industrial. Neste sentido, cabe destacar que, além dos fatores macroeconômicos exógenos que determinaram o crescimento interno, destaca-se que desde o início deste período, a Coreia do Sul apostou em sérias transformações estruturais, indubitavelmente com influência de grande magnitude para seu desempenho excepcional. Foram estabelecidos suporte à industrialização, criados grupos capitalistas nacionais, a reforma agrária foi implementada além de atribuir uma forte atenção à educação básica. Na sequência, planos quinquenais foram estabelecidos, com fortes incentivos à infraestrutura, capital social, exportação, indústria manufatureira, educação, substituição de importações nos primeiros planos e, nos últimos, após o avanço no desenvolvimento por meio de tais planos, foi possível passar a incentivar as indústrias pesadas, de bens de capital e alta tecnologia, mais especificamente a indústria eletrônica (Miltons & Michelon, 2008).

O próximo item será dedicado a explorar como fatores contextuais, como estes apresentados, podem ter sua parcela de influência nos indicadores de empreendedorismo e, assim, estabelecer bases para a compreensão do desenvolvimento na Coreia do Sul.

6 O CONTEXTO E A EXPLORAÇÃO DE OPORTUNIDADES EMPREENDEDORAS

O processo de reconhecimento de oportunidades empreendedoras pode ser influenciado por questões como tempo, variáveis estratégicas escolhidas para análises e o ramo específico no qual será feita a busca ou, melhor especificando, um modelo de reconhecimento de oportunidade pode ser

influenciado por funções como: 1) Mudanças constantes, como oscilações na economia e alterações nas condições competitivas ambientais criam diferenças nos parâmetros que alicerçam a estratégia de identificação de oportunidades; 2) A identificação de oportunidades também é influenciada pelo processo cognitivo de um ramo específico a ser explorado (Schwartz, Teach & Birch, 2005).

Em princípio, considera-se a existência de setores favoráveis e desfavoráveis à exploração de oportunidades. Segundo Baron e Shane (2007), empreendedores com capacitações e habilidades semelhantes podem ter diferentes probabilidades de desempenho conforme o setor escolhido para abrir sua empresa. Desta maneira, para a exploração de oportunidades, há a necessidade de se identificar quais são os setores favoráveis para novas empresas. Existem quatro dimensões de diferença entre os setores: **ciclos de vida do setor, condições de demanda, condições de conhecimento e estrutura do setor.**

Dentre estes aspectos, cabe para este estudo ressaltar sobre as **condições de conhecimento.** Setores que requerem um alto nível de inovação não necessariamente impedem o ingresso de pequenas empresas. A velocidade das mudanças nas empresas de base tecnológica faz com que a estrutura dessas organizações seja ágil na busca de inovações face às exigências mercadológicas. Caracteristicamente, a maioria destas empresas tende a ser de micro ou pequeno porte e um dos caminhos para a busca de inovação adotado por muitas destas empresas é a cooperação através de redes interorganizacionais que se organizam pela interação de seus componentes, evoluindo de maneira dinâmica com um fluxo de informações contínuo entre o ambiente e as empresas, promovendo, assim, o aprendizado e mudança organizacional que favorecem a manutenção de um ambiente inovativo (Angeli & Periotto, 2008).

Alguns setores de capital intensivo demandam um investimento inicial elevado perante as possibilidades dos empreendedores de acesso aos recursos financeiros, limitando a abertura de empresas neste setor aos grandes investidores, empresas e grupos estabelecidos e que já tenham acumulado o volume de capital necessário. A exploração de novos negócios ainda dependerá de outros fatores mercadológicos relacionados ao investimento financeiro e à atratividade aos agentes de fomento. Um empreendimento novo geralmente possui poucos recursos, necessitando de capitais de terceiros, e investidores podem evitar prover recursos financeiros caso percebam que a exploração da oportunidade seja simplesmente voltada para resolver um problema do mercado consumidor. Tais investidores irão preferir arriscar seu capital em empreendimentos criados a partir de uma oportunidade identificada pela sua capacidade de recompensa financeira (Sanz-Velasco, 2006). Esta lucratividade ainda é influenciada pelo valor percebido pelo cliente. Desta maneira, mesmo o produto

apresentando características de inovação que solucionem um problema dos consumidores ou simplifique alguma atividade, ainda será necessário que o benefício ser perceptivelmente suficiente para que o consumidor pague um preço capaz de gerar a lucratividade desejada.

6.1 Fontes de oportunidades de novos negócios

As oportunidades sempre existem, mas é necessário olhar além do que se faz, ela depende da descoberta de futuros nichos de mercado, novas tecnologias, novas formas de financiamento (Richers, 2000).

Mesmo considerando que o campo do empreendedorismo envolve o estudo sobre as fontes de oportunidades (Shane & Venkataraman, 2000), dificilmente pode-se aplicar uma lista de lugares onde as oportunidades são encontradas (Birley & Muzyka, 2001), entretanto, há uma concordância entre pesquisadores em que oportunidades sejam oriundas de deficiências mercadológicas. Uma oportunidade pode ser identificada por um empreendedor quando este estuda um segmento, analisando onde ele pode ser melhorado, ou então pesquisando queixas e insatisfações dos consumidores em relação aos produtos e serviços ofertados neste determinado segmento (Degen, 1989).

Além das oportunidades que surgem de deficiências, existem outras advindas de mudanças no ambiente, podendo ser classificadas em grupos de mudanças tecnológicas, mudanças políticas e reguladoras, e mudanças sociais e demográficas. A entrada da mulher no mercado de trabalho em larga escala, enquanto mudança social, fez emergir novas necessidades, e aqueles que reconheceram esta oportunidade antes dos outros puderam ter vantagens na exploração de oportunidades (Shane, 2003).

Com base no que foi mencionado até então, **uma fonte de oportunidade pode ser qualquer situação na qual exista uma necessidade de um produto ou serviço que ainda não esteja sendo plenamente satisfeita pelas empresas existentes.** Mudanças no ambiente proporcionam novas situações, costumeiramente não antevistas por empreendedores ou, ainda, cujas novas necessidades decorrentes de tais mudanças ainda não tenham sido satisfeitas por empreendimentos existentes. Pode-se considerar mudanças sócio-demográficas, mudanças políticas e reguladoras e mudanças tecnológicas como fontes de oportunidades, sendo este último tipo aquela que mais interessa a este estudo em decorrência do desenvolvimento científico observado na Coreia do Sul, como será exposto nas análises deste estudo.

Existem pesquisas que buscam examinar quais tipos de mudanças tecnológicas ocasionam maior número de fontes de oportunidades de negócios. Algumas dessas pesquisas identificaram que

tais mudanças variam na sua magnitude e, como consequência, as mudanças tecnológicas mais abrangentes são fontes maiores de oportunidades em comparação às pequenas mudanças tecnológicas, principalmente em função de gerarem mudanças maiores na produtividade através da recombinação dos recursos disponíveis (Shane, 2003). Na medida em que se produzem novas informações e inovações, a sociedade se torna mais industrializada, a velocidade do desenvolvimento tecnológico aumenta e surge, assim, um maior número de empreendedores (Lee & Venkataraman, 2006).

Na perspectiva neo-schumpeteriana, em um argumento inicial, o processo de criação de trajetórias tecnológicas funciona independentemente de quais sejam as configurações das instituições presentes. As estratégias, investimentos, decisões organizacionais e escolhas tecnológicas das empresas são fontes de inovação que, por sua vez, envolve um elemento fundamental de incerteza, ou seja, uma gama de informações relevantes, problemas tecnológicos e econômicos cujas soluções são desconhecidas levando ações a consequências incertas. Em tais ambientes, dificilmente serão encontrados agentes racionais maximizando alguma coisa além daquilo que as empresas consideram viável pesquisar em suas abordagens mais amplas. A tecnologia acumulada em determinado setor também apresenta momentos de descontinuidades. Quando um determinado investimento em tecnologia é bem-sucedido, tende a haver mais investimentos, criando uma linha de desenvolvimento tecnológico. Em momentos de descontinuidade, as rotinas estabelecidas falham, ocasionando a suspensão de investimentos (Zysman, 1994). Neste sentido, para os institucionalistas, o crescimento econômico enquanto um processo que pressupõe rupturas e reconstruções é algo que nunca deveria ter sido omitido dentro do moderno pensamento econômico (Conceição, 2008).

A noção de bases de fornecimento permite visualizar como distintos conjuntos de tecnologias são desenvolvidos em uma região ou nação e como o acesso a tais tecnologias moldam a continuidade das trajetórias de desenvolvimento. Ligações na economia podem ser úteis para explicar como as trajetórias são geradas e sustentadas pela base de fornecimento na qual empresas e consumidores estabelecem a demanda. As ligações influenciam os investimentos em tecnologia e as possibilidades de sucesso, estabelecendo características da acumulação tecnológica (Zysman, 1994).

Os elementos destas ligações tecnológicas - as unidades de demanda e a base fornecedora - além de moldar a dinâmica tecnológica e influenciar os padrões de comércio internacional, afetam diretamente os resultados da competição entre as organizações. Um mercado com unidades de demanda altamente sofisticadas irá demandar do setor produtivo respostas inovadoras enquanto um mercado imaturo acaba sendo uma desvantagem no sentido de estimular inovações. Já a base fornecedora é capaz de influenciar as escolhas individuais das companhias e, assim, a estrutura da

indústria enquanto conjunto de oportunidades e restrições. Ela determina as tecnologias, ou seja, os componentes, os subsistemas, materiais e equipamentos tecnológicos necessários ao desenvolvimento e produção em um conjunto de atividades e suas interconexões, enfim, o mercado e suas ligações tecnológicas induzem e reforçam a trajetória tecnológica (Zysman, 1994).

Cabe ressaltar, por fim, com relação às mudanças sócio-demográficas, a infraestrutura educacional se faz uma fonte de oportunidade por abranger pesquisas científicas que resultam na criação de novos conhecimentos e informações úteis à criação de novas oportunidades de negócio, além de serem importantes mecanismos de difusão de informação, voltando a influenciar positivamente na geração de oportunidades (Shane, 2003).

7 ANÁLISES

A importância dos fatores contextuais decorre, em parte, por eles constituírem a base da qual emergem subsídios indispensáveis à existência de empreendedores e, por consequência, empreendimentos. Um estudo acerca da atividade empreendedora e da inovação envolvida torna-se mais detalhado se forem consideradas características culturais, investimentos nacionais em pesquisa e desenvolvimento, o dinamismo do ambiente e outros fatores contextuais diretamente relacionados à existência da oportunidade. Em outras palavras, deve-se analisar fatores que estimulam diretamente a geração de oportunidades empreendedoras pela pré-disposição do próprio contexto, ou de forma indireta, pela influência que o contexto exerce na formação das características dos indivíduos que irão identificar e explorar tais oportunidades.

Os investimentos japoneses no exterior – dado mais pela fuga dos altos custos de mão-de-obra – na segunda metade da década de 1970 em busca da garantia de petróleo e outras matérias-primas não foram tão eficientes pelas *sogo shosha* quanto pelas empresas verticalmente integradas. Entretanto, o sistema de subcontratação garantiu a manutenção do equilíbrio econômico exclusivo do leste-asiático no início dos anos 1980, elevando o investimento estrangeiro direto total japonês de 4,7% dos investimentos mundiais em 1979-80 para 18,2% em 1987-88, concomitantemente com o recuo destes investimentos advindos dos Estados Unidos. Beneficiado por tais investimentos japoneses e pelo sistema de subcontratação, o Grupo dos Quatro, que inclui a Coreia do Sul, despontou meio à crise global (Arrighi, 1997). Portanto, infere-se que em boa parte os aspectos estruturais econômicos que proporcionam os níveis atuais de investimento e pesquisa, o crescimento do PIB e a inovação em

negócios e nas atividades empreendedoras foram amplamente beneficiados por este momento da economia japonesa que contribuiu para a competitividade dos empreendimentos sul-coreanos.

Entre os aspectos específicos importantes da onda de investimentos japonesa configuram-se: 1º) A preferência por participações minoritárias em empresas e *joint-ventures*; 2º) O aumento dos salários empurrou, com auxílio das *sogo shosha*, as empresas de menor valor agregado aos países vizinhos; 3º) O maior transplante destas empresas se deu na Ásia e principalmente para o Grupo dos Quatro. Resumindo, a expansão japonesa, por subcontratação, na região trouxe mais flexibilidade aos negócios em função da propriedade minoritária e permitia internalizar as fontes de insumos e o escoamento dos produtos. O acesso à mão-de-obra mais barata elevou a competitividade japonesa, contribuindo para o milagre econômico leste-asiático (Arrighi, 1997). Esta forte participação da economia japonesa trouxe para a Coreia do Sul não só aportes financeiros decorrente das relações internacionais, mas também um modelo de gestão na cadeia produtiva que trilha as movimentações econômicas nesta esfera, como fica bem claro no documento apresentado pela OECD (2011), as grandes empresas orientadas para o mercado externo subcontratam intermediários e unem a produção com PMEs caracterizadas por pagamento de baixos salários e desprovidos de desenvolvimento tecnológico.

Com relação às inovações, ao longo do tempo, estas são lançadas no mercado e posteriormente tendem a serem **copiadas** pela concorrência. Algumas empresas conseguem inovar métodos de produção tornando-os mais econômicos. Neste caso, ou quando possuem certo poder de barganha devido à sua forte participação no mercado, podem explorar tais diferenciais para elevar a lucratividade do negócio. Tais empresas que investem em inovação deixam para trás ou restringem o mercado de concorrentes que se baseiam em produtos de baixo custo com baixa qualidade. Estes últimos tentam fazer o *catch-up* tecnológico para melhorar a sua lucratividade e competitividade (Dosi, 1988). Assim, na Tabela 1 pode ser observado o importante investimento em Pesquisa e Desenvolvimento da Coreia do Sul e seu incremento presente ano a ano na segunda metade da última década, bem como o excepcional crescimento do PIB deste país emergente.

Tabela 1 – Produto Interno Bruto e Investimentos em P&D

Ano	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Produto Interno Bruto (Bilhões USD)	1097	1173	1269	1306	1323	1417
Investimento Bruto em P&D (Milhões USD)	3061	3471	3892	4168	4431	4939
% do Investimento em P&D do PIB	8	2	3	5	1	4
	2,79	2,96	3,07	3,19	3,35	3,49

Fonte: (OECD, 2013a).

As oportunidades surgem parcialmente de avanços científicos externos às organizações e que são, parcialmente, construídos por meio de conhecimentos acumulados em processos internos e, assim, o conhecimento científico cumpre um papel crucial na abertura de novas possibilidades de avanços tecnológicos (Dosi, 1988). No caso da Coreia do Sul, a Figura 1 apresenta o total de pedidos de patentes de seus inventores, ano a ano de 1999 a 2010, demonstrando que os investimentos em P&D apresentados na tabela 1 têm sido acompanhados de um aumento constante no número de patentes requeridas, o que, conforme Dosi (1988), incrementam as oportunidades de negócios. Neste quesito, as empresas sul-coreanas estão cada vez mais bem atendidas.

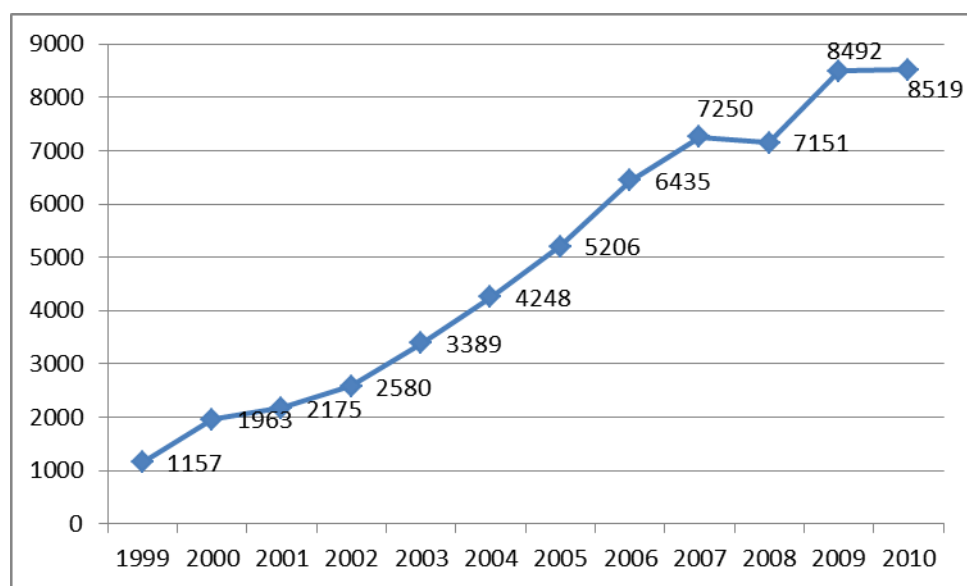


Figura 1 – Número de patentes requeridas por inventores sul-coreanos.
Fonte: (OECD, 2013b).

Em outra influência, as condições de apropriação das inovações determinam a busca por novos produtos e novas técnicas e as oscilações na demanda do mercado e os níveis de flutuação nos preços também influenciam o progresso tecnológico da mesma forma que a responsabilidade com investidores demanda o bom desempenho deste progresso na unidade de negócio. Entretanto, o aumento da participação dos resultados científicos no processo inovativo é uma evidência da importância de fatores exógenos ao processo competitivo entre os atores privados. Além disso, as oportunidades em cada setor também são influenciadas pelo nível do conhecimento acumulado pelas empresas do ramo específico e pelos avanços tecnológicos internalizados por seus fornecedores e consumidores (Dosi, 1988). Neste sentido, a Coreia do Sul desponta-se em primeiro lugar do mundo quanto ao aumento da produtividade científica, conforme consta na Tabela 2.

Tabela 2 – Países com maior aumento em artigos publicados em periódicos

	País	1981	2009	Variação %
1	Coreia do Sul	241	38.651	15.937,8
2	China	1.204	118.108	9.709,6
3	Turquia	337	22.037	6.439,2
4	Taiwan	531	24.442	4.503,0
5	Brasil	1.949	32.100	1.547,0
6	Espanha	3.290	44.324	1.247,2
7	Itália	9.639	51.606	435,4
8	Holanda	7.355	30.204	310,7
9	Polônia	4.825	19.513	304,4
10	Austrália	10.782	38.599	258,0
11	Suíça	6.245	21.800	249,1
12	Índia	13.827	40.250	191,1
13	Japão	27.950	78.930	182,4
14	Suécia	7.011	19.611	179,7
15	França	23.610	65.301	176,6
16	Canadá	20.663	55.534	168,8
17	Alemanha	35.152	89.545	154,7
18	Reino Unido	39.991	92.628	131,6
19	Estados Unidos da América	183.104	341.038	86,3
20	URSS/Rússia	24.621	30.178	22,6

Fonte: Thomson Reuters Scientific (citado em Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação [MCTI], 2013).

O fato da Coreia do Sul despontar-se em primeiro lugar do mundo no quesito aumento da produtividade científica (muito acima do segundo colocado, a China), interfere inevitavelmente também no número interno de inovações e, conseqüentemente, nas oportunidades para a atividade empreendedora.

As mudanças descontínuas aparecem na esfera comercial e industrial, levando o conceito de desenvolvimento a considerar novas combinações como a introdução de um novo bem ou novo método de produção, a abertura de um novo mercado, a conquista de novas fontes de matérias-primas e o estabelecimento de uma nova organização empresarial (Schumpeter, 1961, 1982). Neste sentido, a Figura 2 apresenta a proporção dos empreendimentos nascentes que oferecem novos produtos ou serviços ao mercado, ou seja, apresentam alguma inovação. Conforme Laplane (1997), na perspectiva neo-schumpeteriana, a inovação é enfatizada enquanto motor da dinâmica capitalista, não apenas quando são introduzidas por empreendedores, mas também quando estes são estimulados a inovar em decorrência da inovação de concorrentes, ocasionando um processo sequencial.

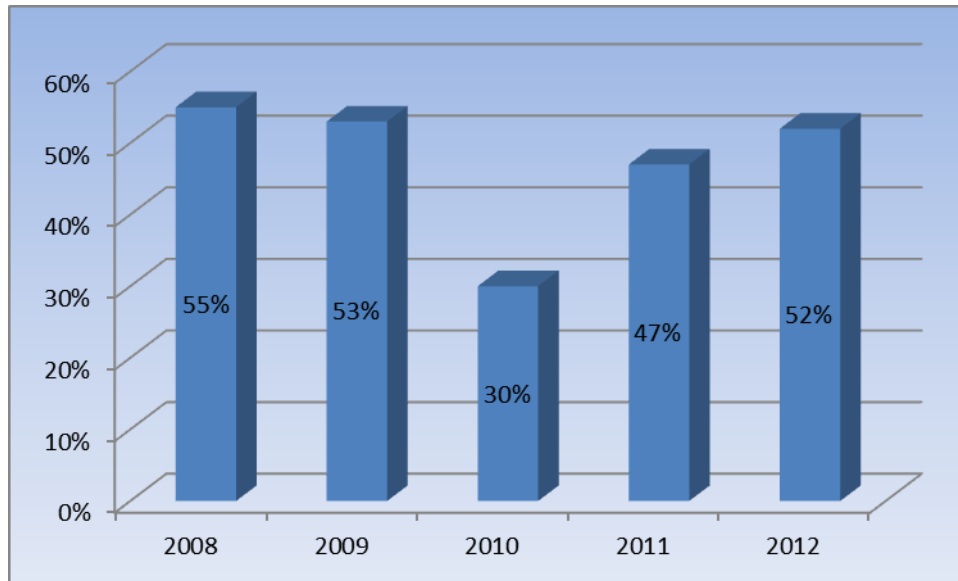


Figura 2 – Empreendimentos nascentes que oferecem novos produtos ou serviços
Fonte: (GEM, 2011).

Com relação às inovações introduzidas por tais empreendimentos, traduzidas por novos produtos ou serviços, conforme apresentado na Figura 2, cabe mencionar as considerações de Arrighi (1997). Segundo o autor, no intuito de transferir pressões, inova-se, proporcionando um acúmulo de inovações em uma mesma região de competição atrativa de empresas essencialmente similares, ou seja, **zona do núcleo orgânico**, próximas a grandes mercados estáveis com potencial para lucratividade das empresas, condizendo com a situação atual da Coreia do Sul, que também pode ser descrita nos termos de Possas (1989), de acordo com a teoria microdinâmica dos neo-schumpeterianos, arraigada no entendimento da inovação enquanto centro das mudanças econômicas, é centrada na dinâmica da transformação das estruturas de mercado a partir da base produtiva, ou seja, as evoluções desdobradas por meio da inovação entre competidores em um determinado mercado o influenciam, que por sua vez refletem na macroeconomia.

Ao lançar um novo produto ou serviço, a atividade empreendedora tende a apresentar um melhor resultado para o cômputo geral da economia. Conforme Kotler (2000), o pioneirismo do empreendedor, ou seja, o ingresso no mercado em sua primeira etapa do ciclo de vida, apresenta algumas vantagens para a exploração de oportunidades. A velocidade de inovação se faz necessária em uma época de redução dos ciclos de vida do produto. Em muitos setores, concorrentes aprendem sobre novas tecnologias e oportunidades de negócios praticamente de maneira simultânea.

No tocante às exportações sul-coreanas, cresceram aproximadamente 70% no triênio 2009-2011 e hoje representam mais da metade do Produto Interno Bruto (OECD, 2012). Observa-se que a

atividade empreendedora contribuiu para tais resultados, tendo em conta que entre os empreendimentos nascentes, há um crescimento na orientação internacional para a comercialização de seus produtos ou serviços. A Figura 3 apresenta a porcentagem de empreendimentos nascentes que possuem pelo menos 25% de seus consumidores no exterior. Cabe ressaltar, ainda, que os clientes nacionais também podem ser indústrias voltadas à exportação.

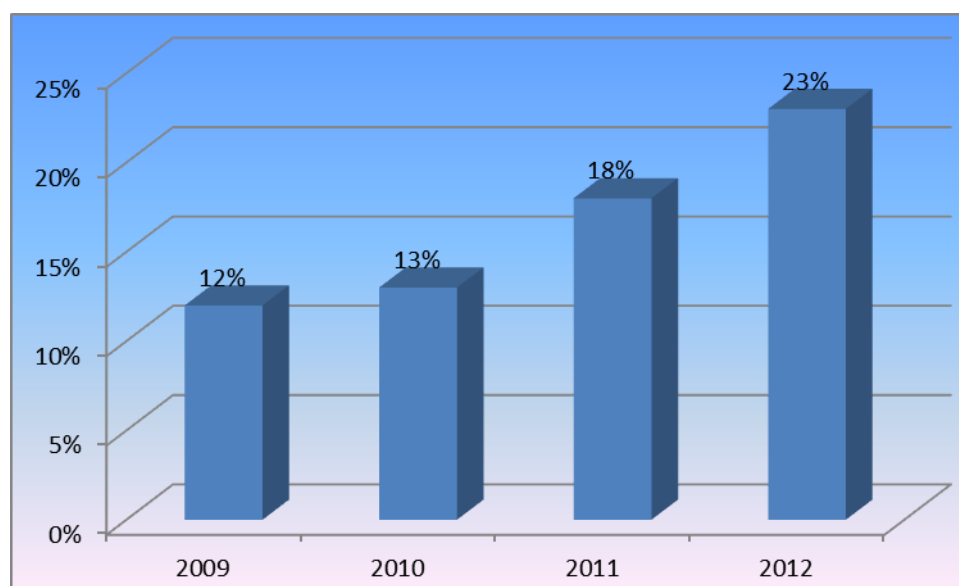


Figura 3 – Empreendimentos nascentes com orientação internacional

Fonte: (GEM, 2011).

Mesmo reconhecendo oportunidades de mercado, a decisão de explorá-la levará em conta os riscos envolvidos no negócio. Indubitavelmente existe risco toda vez que uma organização se lança em um novo mercado (Johanson & Vahlne, 2009). Neste sentido, considera-se a influência dos possíveis resultados financeiros incidentes na decisão do empreendedor, podendo tendenciá-lo positiva ou negativamente caso seja vislumbrada respectivamente recompensa ou risco durante a fase de análise da oportunidade (Pech & Cameron, 2006).

Quanto menor o risco ou incerteza da oportunidade, mais empreendedores tenderão a explorá-la. Isto significa que há um consenso na opinião dos indivíduos acerca do valor da oportunidade, assim, quando apenas um indivíduo a percebe, atribui-se muito frequentemente aos seus fatores de conhecimento prévio, conexões de sua rede social ou a uma característica muito específica que o leva a exercer tal julgamento (Dew, Velamuri & Venkataraman, 2004). Como pode ser observado na Figura 4, tratando-se da porcentagem da população de sul-coreanos entre 18 e 64 anos que identificaram oportunidades mas cuja percepção de risco impede a abertura de um novo negócio, há um crescimento

relativamente estável desta porcentagem de 2009 a 2011, mantendo-se quase no mesmo patamar em 2012.

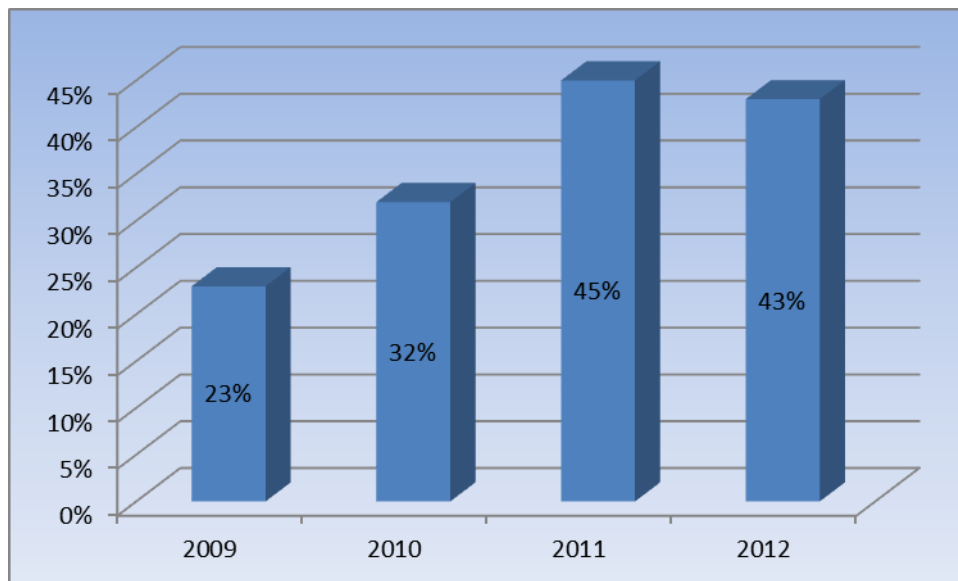


Figura 4 – Percepção de risco da oportunidade empreendedora

Fonte: (GEM, 2011).

Cabe ressaltar que os motivos que levam o indivíduo a empreender, nem sempre é em função da identificação de oportunidades. Outro importante motivo é a necessidade do indivíduo, ou seja, empreende por não possuir outra opção de trabalho (Bosma, 2012). Os agentes privados na busca de lucros irão destinar recursos para a exploração de novos produtos e técnicas de produção se identificarem oportunidades de encontrar benefícios econômicos (Dosi, 1988). A Tabela 3 apresenta a porcentagem tanto de indivíduos que empreendem por oportunidade quanto de indivíduos que empreendem por necessidade na Coreia do Sul. Nota-se que não há uma tendência a aumento ou diminuição nestas variáveis ao longo do tempo, capaz de indicar uma direção para alterações futuras. Entretanto, pela média dos últimos 4 anos, praticamente para cada indivíduo que empreende por oportunidade, outro empreende por necessidade. Entretanto, o desvio padrão ao longo do tempo dos primeiros é aproximadamente o dobro dos segundos. Em outras palavras, a necessidade de empreender é mais estável do que o número de oportunidades identificadas e exploradas ano a pós ano. Considera-se também que não apenas o número de identificação de oportunidades oscila de um ano para o outro como o número de oportunidades existentes no ambiente pode estar oscilando significativamente ao longo do período em análise.

Tabela 3 – Principais motivações para a abertura de novos negócios

Motivação	Ano					Média	Desvio Padrão
	2008	2009	2010	2011	2012		
Oportunidade	51	37	49	36	46	44	6,91
Necessidade	40	45	39	41	35	40	3,61

Fonte: (GEM, 2011).

Outro fator de importância para a compreensão da atividade empreendedora na Coreia do Sul é a desigualdade de Gênero. A Tabela 4 apresenta a desigualdade histórica, com pouca variação especialmente nos últimos quatro anos, culminando em 2012 para a participação com apenas 17,5% do total de habitantes que abrem novos negócios.

Tabela 4 – Porcentagem da População Economicamente Ativa que empreende

Gênero	Ano					Média
	2008	2009	2010	2011	2012	
Mulheres	5	3,5	2,1	3,8	2,3	3,34
Homens	14,8	10,4	11	11,7	10,8	11,74

Fonte: (GEM, 2011).

Neste caso, cabe mencionar que embora as mulheres sul-coreanas possuam bom nível de escolaridade, sua participação no mercado de trabalho é relativamente pequena. Em 2008, 32% delas com idade entre 25 e 60 anos possuíam educação superior, acima da média dos países da OECD. Mesmo havendo uma melhoria, apenas 60% das mulheres entre 25 e 54 anos estavam empregadas em 2009, 11 pontos percentuais abaixo da média da OCDE e 26 abaixo dos homens daquele país. Culturalmente, o mercado de trabalho por lá baseia-se em empregos contínuos e de longo período, cujas ausências tornam-se dispendiosamente interessantes ao trabalhador, por qualquer que seja o motivo, inclusive para a maternidade, em detrimento específico das mulheres (OECD, 2011).

8 CONCLUSÃO

Entre outros objetivos, os planos quinquenais estavam imersos também em um ambiente nacional voltado para a inovação tecnológica, tendo a educação como um dos focos de interesse social, se não o principal. A Coreia do Sul demonstrou durante as últimas décadas as consequências positivas dos investimentos em P & D na economia e na industrialização do país. As políticas influenciaram decisivamente na construção de uma nação industrializada e competitiva por meio de investimentos

crescentes em P&D de forma sistemática que reflete até nos dias hodiernos em a Coreia do Sul estar entre os países que mais investem nesta área, assim como na área da educação.

Miltons e Michelin (2008) mencionam que é fato notório o país ter atingido a universalização da educação básica desde o final da década de 1960 e do ensino médio desde a década de 1980, mantendo estes indicadores até hoje, visto que, conforme o World Bank (2013), 99% dos estudantes chegam, pelo menos, ao ensino secundário. Este estrato social indica o nível de conhecimento dos empreendedores, tanto no tocante à inovação e identificação de oportunidades como a percepção de possíveis riscos envolvidos nos negócios. Nota-se, em adição, especialmente ao considerar a porcentagem de empreendimentos voltados ao mercado externo, a herança histórica de fatores contextuais influenciados pela orientação internacional estimulada, de início, pelo Japão a partir meados do século XX. Constitui-se, assim, uma situação diagnosticável da sustentabilidade dos investimentos em inovação enquanto comprovadamente viável para o desenvolvimento contínuo de um estado em um contexto globalizado durante décadas, por meio também da atividade empreendedora.

É amplamente aceito que a Coreia do Sul está a caminho de repetir o crescimento econômico do Japão (Arrighi, 1997). Entretanto, o desenvolvimento econômico mesmo fazendo parte da história econômica, não se explica somente pelos estados econômicos predecessores, mas da situação total precedente. O mundo econômico é parcialmente autônomo, pois depende de situações não-econômicas, inclusive sociais e naturais. Não se trata de desenvolvimento econômico que acompanha alterações da vida não econômica levando-o a adaptações ou crescimento da economia por mera adaptação demonstrada pelo crescimento da população e da riqueza (Schumpeter, 1982). Neste sentido, o estudo apresentou tanto um registro da economia histórica da Coreia do Sul quanto evidências de estratégias de ações voltadas à capacidade inovativa e ligações de seus resultados com a atividade empreendedora, desencadeando um ciclo virtuoso que caracteriza decisivamente o desempenho econômico e a competitividade das empresas daquele país.

O nível de abertura de novos negócios na Coreia do Sul é bastante prejudicado pela disparidade de gênero no cômputo geral. Enquanto em outras economias emergentes, como o Brasil, o número de homens e mulheres que empreendem não apresenta tanta diferença entre si, no país foco deste estudo elas participam com apenas 17,5% do total conforme os dados registrados no último ano apresentado. Indubitavelmente pode ser considerada uma capacidade ociosa cujo aproveitamento elevaria consideravelmente a exploração de novas atividades econômicas, e inovadoras que, como foi demonstrado na análise deste estudo, são de costume na Coreia do Sul. Existem recomendações de

eficiência comprovada pela OECD (2011) para a redução deste abismo, como a disponibilização de instituições de cuidado infantil incrementando a disponibilidade das mães para o mercado de trabalho.

As condições de conhecimento relacionam-se com o tipo de informações envolvidas no processo de fabricação de produtos e nos serviços em um determinado setor. A intensidade de investimentos em pesquisa e desenvolvimento é proporcional ao favorecimento de novas empresas, porque a geração de novas tecnologias é uma fonte de oportunidades para ideias de novos negócios (Baron & Shane, 2007). Neste sentido, as informações apresentadas nesta análise demonstram que os crescentes investimentos em P&D têm se consolidado como uma constante na Coreia do Sul, o que tem influenciado positivamente na abertura de novos negócios, além de possibilitar a apresentação de uma relação entre aspectos econômicos, inovação e a atividade empreendedora. Também pode ser observada a competitividade internacional de suas empresas, alicerçadas em produtos inovadores.

A competitividade internacional reflete-se, então, como um dos resultados finais da atenção com as questões referentes ao conhecimento advindas tanto dos investimentos em P&D como dos níveis educacionais. Assim, ressalta-se a importância destas questões apresentadas acerca dos fatores contextuais, dado o fato da Coreia do Sul ter se tornado uma economia industrial, deixando de fazer parte da periferia da economia globalizada. Cabe ainda ressaltar que a orientação internacional da atividade empreendedora também pode ser influenciada por meio das questões contextuais históricas quando o modelo Japonês de subcontratação deixou profundas marcas na cultura empresarial da Coreia do Sul.

Os achados, longe de serem exaustivos ainda precisam de complementação para a compreensão da relação entre os fatores econômicos, a inovação e a atividade empreendedora na Coreia do Sul. Estudos futuros poderiam aprofundar-se em outros aspectos relativos a esta tríade, como questões relacionadas à educação, capazes de elevar o conhecimento da população, interferindo na capacidade inovativa de empreendedores. Há também a possibilidade de replicagem considerando outra nação, preferencialmente também com importantes aportes de recursos em P&D, tendendo a resultar em uma maior ocorrência de inovações.

REFERÊNCIAS

Aldrich, H. E., & Cliff, J. E. (2003). The pervasive effects of family on entrepreneurship: toward a family embeddedness perspective. *Journal of Business Venturing*, 18(5), 573-596.

- Angeli, K. F., & Periotto, Á. J. (2008, março). Complexidade, aprendizagem e mudança: a tecnologia da informação como condutor de inovação em arranjos produtivos locais de base tecnológica. *Anais do Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, São Paulo, SP, 5.
- Ardichvili, A., Cardozo, R., & Ray, S. (2003). A theory of entrepreneurial opportunity identification and development. *Journal of Business Venturing*, 18(1), 105-123.
- Arrighi, G. (1997). *A ilusão do desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes.
- Baron, R., & Shane, S. A. (2007). *Empreendedorismo: uma visão do processo*. São Paulo: Thomson Learning.
- Birley, S., & Muzyka, D. F. (2001). *Dominando os desafios do empreendedor* (C. R. Lucinda, Trad.). São Paulo: Makron Books.
- Bosma, N. (2012). *The global entrepreneurship monitor (GEM) and its impact on entrepreneurship research*. London: Global Entrepreneurship Research Association.
- Boyer, R. (1999). Estado, mercado e desenvolvimento: uma nova síntese para o século XXI. *Economia e Sociedade*, 8(1), 1-20.
- Conceição, O. A. C. (2008). A dimensão institucional do processo de crescimento econômico: inovações e mudanças institucionais, rotinas e tecnologia social. *Economia e Sociedade*, 17(1), 85-105.
- Corbett, A. C. (2005). Experiential learning with the process of opportunity identification and exploitation. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 29(4), 473-491.
- Degen, R. (1989). *O empreendedor: fundamentos da iniciativa empresarial*. São Paulo: Pearson Education do Brasil.
- Dew, N., Velamuri, S. R., & Venkataraman, S. (2004). Dispersed knowledge and an entrepreneurial theory of the firm. *Journal of Business Venturing*, 19(5), 659-679.
- Dosi, G. (1988). Sources, procedures and microeconomic effects of innovation. *Journal of Economic Literature*, 26(3), 1120-1171.
- Global Entrepreneurship Research Association. (2011). *GEM key indicators and definitions*. London: Author.
- Guerrero, G. A. (2004). *Avaliação da dinâmica dos processos inovativos das micro e pequenas empresas do arranjo calçadista da região de Birigui* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Jack, S. L., & Anderson, A. R. (2002). The effects of embeddedness on the entrepreneurial process. *Journal of Business Venturing*, 17(5), 467-487.
- Johanson, J., & Vahlne, J. E. (2009). The Uppsala internationalization process model revisited: from liability of foreignness to liability of outsidership. *Journal of International Business Studies*, 40, 1411-1431.
- Keh, H. T., Foo, M. D., & Lim, B. C. (2002). Opportunity evaluation under risky conditions: the cognitive process of entrepreneurs. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 27(2), 125-148.

- Kotler, P. (2000). *Administração de marketing: a edição do novo milênio*. São Paulo: Prentice Hall.
- Laplane, M. (1997). Inovações e dinâmica capitalista. In R. Carneiro (Org.), *Os clássicos da economia* (pp. 59-67). São Paulo: Ática.
- Lee, J.-H., & Venkataraman, S. (2006). Aspirations, market offerings, and the pursuit of entrepreneurial opportunities. *Journal of Business Venturing*, 21(1), 107-123.
- Miltons, M. M., & Michelon, E. (2008, junho). Educação e crescimento econômico na Coreia do Sul. *Anais do Encontro Regional de Economia*, Curitiba, PR, 11.
- Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. *Países com maior variação do número de artigos publicados em periódicos científicos indexados pela Thomson/ISI, 1981/2009*. Recuperado em 14 abril, 2013, de <http://www.mcti.gov.br/index.php>
- Organisation for Economic Co-operation and Development. (2011). *A framework for growth and social cohesion in Korea*. Paris: Author. Recuperado de <http://www.oecd.org/korea/48225033.pdf>
- Organisation for Economic Co-operation and Development. (2013a). *Country statistical profile: Korea*. Paris: Author. Recuperado de <http://www.oecd-ilibrary.org/content/table/20752288-table-korg>
- Organisation for Economic Co-operation and Development. (2012). *OECD Economic Surveys: Korea 2012*. Paris: Author. Recuperado de <http://www.oecd.org/eco/50191444.pdf>
- Organisation for Economic Co-operation and Development. (2013b). *OECD.Stat extracts: complete databases available via OECD's iLibrary*. Recuperado em 07 abril, 2013, de <http://stats.oecd.org>
- Pech, R. J., & Cameron, A. (2006). An entrepreneurial decision process model describing opportunity recognition. *European Journal of Innovation Management*, 9(1), 61-78.
- Possas, M. L. (1989). Em direção a um paradigma microdinâmico: a abordagem neo-schumpeteriana. In E. J. Amadeo (Org.), *Ensaio sobre economia política moderna: teoria e história do pensamento econômico* (pp. 157-177). São Paulo: Marco Zero.
- Richers, R. (2000). *Marketing: uma visão brasileira*. São Paulo: Negócio.
- Sanz-Velasco, S. A. (2006). Opportunity development as a learning process for entrepreneurs. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research*, 12(5), 251-271.
- Schumpeter, J. A. (1961). *Capitalismo, socialismo e democracia*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura.
- Schumpeter, J. A. (1982). *Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico*. São Paulo: Abril Cultural.
- Schumpeter, J. A. (1997). A instabilidade do capitalismo In R. Carneiro (Org.), *Os clássicos da economia* (pp. 68-96). São Paulo: Ática.
- Schwartz, R. G., Teach, R. D., & Birch, N. J. (2005). A longitudinal study of entrepreneurial firms opportunity recognition and product development management strategies: Implications by firm type. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research*, 11(4), 315-329.

Shane, S., & Venkataraman, S. (2000). The promise of entrepreneurship as a field of research. *Academy of Management Review*, 25(1), 217–226.

Shane, S.A. (2003). *A general theory of entrepreneurship: the individual-opportunity nexus*. Northampton: Edward Elgar.

Shepherd, D. A., & Detienne, D. R. (2005). Prior knowledge, potential financial reward, and opportunity identification. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 29(1), 91-112.

World Bank. (2013). *World development indicators*. Recuperado em 19 junho, 2013, de <http://data.worldbank.org/data-catalog/world-development-indicators>.

Zysman, J. (1994). How institutions create historically rooted trajectories of growth. *Industrial and Corporate Change*, 3(1), 243-283.

CONSIDERATIONS ON INNOVATION AND ENTREPRENEURIAL ACTIVITY IN THE SOUTH KOREAN TRAJECTORY

ABSTRACT

The historical factors related to the East Asian economic miracle explained, in part, the context from which emerged the current situation of innovation and entrepreneurial activity in South Korea. The only country in five decades to leave the world periphery to emerge to the next level, attention is called to investigate a little more about things that could strengthen the economy of a country, especially with regard to innovations, and the findings of this study pointed to this nation as the fastest growing in the world, in one scientific criterion that will be best presented in this analysis. A study covering the entrepreneurial activity in South Korea becomes contributory theoretically taking into account that, currently, small and medium enterprises (SMEs) constitute 99.9% of the industrial companies in South Korea and are responsible for 88.7% of jobs in this sector. The innovations introduced by entrepreneurs are considered the main engine of capitalist dynamics. Thus, considering also what was previously stated, this study aims to analyze relevant aspects of innovation and entrepreneurial activity in the economy of South Korea that contribute to explain the exceptional performance of this economy, especially when considering their interfaces. The study had both a record of the historical economy of South Korea as current factors related to innovation and entrepreneurial activity, providing an analysis contribution to the understanding of an economic power that has been highlighted by the worldwide competitiveness of their organizations, among other factors.

Key-words: Innovation; Entrepreneurship; South Korea.

Data do recebimento do artigo: 19/07/2013

Data do aceite de publicação: 25/11/2013